

LUXÚRIA

O Dia – 13 de abril de 1934.

Escrevendo certa vez sobre Gastão Cruls, disse, entre outras coisas, ser ele o príncipe dos tradutores da língua portuguesa. Com efeito, mau grado inúmeras apreciações de críticos brasileiros, Gastão Cruls continua a ser a personalidade completa e invejada do homem de letras. Sua arte não está moldada a escolas. Possui o primado da inteligência sem definida, e amor à estética.

Seria, como tradutor, o intérprete consumado de Barbusse, mesmo de Morand. Sua arte moderna e realista, seu espírito objetivista, compreenderia a alma de Robert Garrie, na sua observação profunda dos homens e das coisas. Seria, ao transportar a obra dum Girandoux para a literatura brasileira, verdadeiro imitador, concretizando condições essenciais e a psicologia dos personagens, necessárias a qualquer obra de ficção.

Enfim, seria um cooperador arguto de Paul Valery, ou de um André Tide.

A sua nova tradução – Luxúria – é obra do escritor francês J. Kessel, que ultimamente publicou, com grande vitória, a biografia de Stavisky.

“Luxúria” é a história duma pobre mulher dominada pelo instinto sexual. Transviada do bom caminho, na sede sanguinolenta da carne, não trepidando ir ao assassino para salvar o que mais prezava: o nome.

Severina – heroína de “Belle de Jour” (título de Luxúria em original), não é como mesmo diz Kessel uma aberração sexual. É a tragédia dum amor. Custava

a Severina aceitar uma nova visão de vida. Queria perante a sociedade ser fiel ao marido. O sangue, porém, a levava ao leito dos amantes, porque sentia a superioridade mental, intelectual do homem que a lei lhe dera, que Deus lhe destinara. Era sua companheira de espírito, não de carne.

J. Kessel descreve admiravelmente os autores parisienses, os cabarés subterrâneos da cidade luz.

Lembra-se Balzac: “Não será Paris um vasto campo agitado sem cessar por uma tempestade de interesses no meio da qual revolteia uma seara de homens que a morte ceifa com mais freqüência que em outra parte, e que vão sempre renascendo na mesma proporção, cujos rostos arredondados, torcidos, deixam sair por todos os poros o espírito, os desejos, os venenos de que os seus cérebros estão cheios, rostos que são antes máscaras; máscaras de fraqueza, máscaras de alegria, máscaras de hipocrisia”.

As vendilhonas de amor, vício, ruína, miséria.

Severina é um drama diário. Cruel mas verdadeiro.

“Luxúria” foi editada pela Ariel.